

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA
18 de novembro de 2022

ENEMY / 2013
(*O Homem Duplicado*)

Um filme de Denis Villeneuve

*Realização: Denis Villeneuve / Argumento: Javier Gullón a partir do romance de José Saramago (*O Homem Duplicado*) / Direção de Fotografia: Nicolas Bolduc / Montagem: Matthew Hannam / Música: Danny Bensi, Saunder Jurriaans / Som: Oriol Tarragó, Marc Orts (gravações em estúdio) / Produção: Niv Fichman, Miguel A. Faura / Coprodução: Sari Friedland, Luc Déry, Kim McCraw / Produção Executiva: François Ivernel, Cameron McCracken, Mark Slone, Victor Loewy / Produção Associada: Kevin Krikst, Fraser Ash, Juan Romero, Isaac Torras / Guarda-roupa: Renée April / Casting: Deirdre Bowen / Direção Artística: Sean Breauch / Interpretações: Jake Gyllenhaal (Adam e Anthony), Mélanie Laurent (Mary), Sarah Gadon (Helen), Isabella Rossellini (Mãe) / Cópia: DCP, cores, falado em inglês com legendas em português / Duração: 90 minutos / Estreia Mundial: 8 de setembro de 2013, Toronto International Film Festival / Estreia em Portugal: 19 de junho de 2014 / Primeira apresentação na Cinemateca.*

[E]ste estranhíssimo, singular, assombroso e nunca antes visto caso do homem duplicado, o inimaginável convertido em realidade.

José Saramago, *O Homem Duplicado*

Um engano de Deus ou um defeito na linha de produção metafísica gerou o impensável: um professor de História e um ator de “terceira categoria” serem “o vivo retrato” um do outro. Será uma das marcas do milagre da existência a singularidade de cada homem e de cada mulher desde que vêm a este mundo. A narrativa de Saramago, na sequência do clássico existencialista de Dostoiévski *O Duplo*, lança-se numa interrogação de maneira alguma inusual na obra do Prémio Nobel: “E se...” E se as duas personagens dessem conta da existência uma da outra? E se o mundo à volta, começando pelas suas mulheres, amigos e familiares, descobrisse que, afinal, a singularidade do ente querido é, no mínimo, discutível? E se cada homem for uma cópia, onde está o original, como podemos situar a nossa Origem? O buraco negro em que caem as personagens, começando pela mais empática que o livro e o filme seguem de muito perto, o professor de História, tem tudo para cuspir de volta todo um novo entendimento do nosso lugar no cosmos. Mas Saramago – e Villeneuve também – não se precipita para o *big picture* nem tão-pouco para o campo da metafísica, porque antes da espécie e eventualmente de Deus, há um homem que sofre. Ou melhor, dois.

Enemy é um filme sobre um engano ou a perversão de Deus (o mesmo de *Evangelho Segundo Jesus Cristo*?) e acerca de como esse engano/perversão lança o caos na vida de um homem cinzento que passa os dias a debitar, em aula, as teses de Hegel e a

especular sobre os inúmeros padrões da História. Primeiro, a tragédia, depois, a farsa. É o que esta personagem sente: que a sua vida é, afinal, uma tragédia. Mas é importante ver o copo meio cheio face à descoberta de um duplicado: a farsa é também uma forma de libertação, um convite à mudança. E a vida cinzenta ganha, deste modo, alguma cor. O filme de Villeneuve é intrigante logo na escolha das cores que dominam a fotografia: um amarelo obscurecido, “sujo” e sob a ameaça de um negrume intenso. Se compararmos com outras adaptações de obras de Saramago ao cinema, pense-se por exemplo em **Blindness** (2008), **Enemy** é a que mais segue a velha fórmula baziniana de fazer da adaptação uma oportunidade não para a cópia – ou o duplicado fílmico – mas para a resposta nos seus próprios termos, capturando e ampliando “apenas” o essencial da proposta filosófica e estética presente no livro. É isso que Villeneuve faz aqui e é isso que Meirelles não faz em **Blindness**.

Enemy marca o território do fílmico – separa as águas, digamos assim – logo ao início, no seu estranhíssimo, quase lynchiano, introito. A deriva em relação ao livro não é “coisa pouca”, já que introduz um elemento de deslocamento ou estranheza que a narrativa de Saramago não consegue sustentar durante muito tempo, mas que atravessa – e se avoluma, com o desenrolar da história – na obra de Villeneuve. Outro elemento reforçado pelo cineasta canadiano é a igualmente estranha fusão – disse lynchiana, mas é mais kafkiana – da angústia interior da personagem com a paisagem monstruosa da cidade (a obra foi filmada em Toronto, numa altura em que Villeneuve já preparava claramente a sua mudança para Hollywood). A monstruosidade do filme é muito concreta aqui e mina tanto o interior da personagem como radica na paisagem poluta (amarelada) da cidade. Todo o filme é silencioso neste aspeto, nunca cedendo à tentação de “explicar”, quer dizer, privilegiando a narrativa das imagens à narrativa das palavras (poucos diálogos e ainda menos descrições do narrador são reutilizadas do livro).

E se digo que privilegia as imagens, também quero dizer que o filme de Villeneuve potencia a própria atmosfera desta história, introduzindo um elemento, outrossim kafkiano, de perturbação da “ordem por decifrar” que o livro enuncia: a história do clube secreto onde estranhas coisas acontecem (mistura de sexo com animalismo, à laia da escrita pulsional de Georges Bataille ou das figuras híbridas desenhadas por Max Ernst). E uma invasão de aracnídeos alienígenas que parece estar em curso sem que as personagens – e a sociedade como um todo – se tenham apercebido. Tudo isto indicia, a meu ver, um futuro filme deste cineasta – o grande marco da carreira de Villeneuve no sentido da definitiva entrada no clube dos realizadores mais poderosos do planeta. Falo de **The Arrival** (2016).

A chegada destes seres aracnídeos, que lembram as esculturas inquietantes de Louise Bourgeois, parece ter início aqui – Villeneuve “usa” a premissa de Saramago para iniciar um mundo de fabrico próprio, apetece concluir. Relembro que, nessa ficção científica de contornos intimistas (nunca esquecer que há uma pessoa que sofre, antes da humanidade como um todo), os invasores são encarados de imediato como uma ameaça; recebidos com a desconfiança associada à estranheza tipicamente sentida face a um “outro” qualquer (quer dizer, em face do que é diferente). E o que eles querem de nós não são as riquezas naturais do planeta, mas o mundo codificado onde nos refugiamos, sendo a linguagem a principal – ou a única – ferramenta que nos permite “sair da natureza” – e incubarmos uma certa cultura do humano. **Enemy** é um filme sobre a incomunicabilidade, antes de ser um filme sobre a morte (da originalidade e, como corolário, da vaidade prepotente) do indivíduo – “não sei quem sou”, diz, no livro

de Saramago... quem mesmo? – face à perversão/perversidade de uma ordem qualquer (instituída por Deus ou pela Mãe Natureza). A expressão final do protagonista, interpretado, nem de propósito, por Jake Gyllenhaal (ainda sob a mesma nuvem existencial que acompanha as suas personagens de **Donnie Darko** [2001] e de **Zodiac** [2007]), é significativa: frente ao impensável, entrevemos-lhe o esgar de quem acaba de ser absolvido. O sofrimento – o ónus dessa *enquête* sobre o sentido geral da existência face a qualquer coisa maior (um “erro” cosmológico) – não é o de um homem só, mas de toda uma espécie. Ou então está simplesmente louco, o que é outra forma de salvação, parecendo ressoar no final inconcluso (arrepiantemente aberto) as famosas palavras do “louco” interpretado por Luís Miguel Cintra em **As Bodas de Deus** (1999) de João César Monteiro: “Fodam-se vocês agora / Que a mim já não me fodem mais.”

Luís Mendonça